

# COMPARTILHAMENTO DE EXPERIÊNCIAS DE ENLUTAMENTO NO CIBERESPAÇO: O LUTO *ONLINE*

SHARING BEREAVEMENT EXPERIENCES  
IN CYBERSPACE: ONLINE MOURNING

## **Valquiria Barros**

Doutora e mestre em Humanidades, Culturas e Artes (Duque de Caxias/Brasil); Mestre em Educação, Gestão e Difusão de Ciências (Rio de Janeiro/Brasil). Colaboradora do Laboratório de Ética em Pesquisa, Comunicação Científica e Sociedade (Rio de Janeiro/Brasil).  
E-mail: valquiria.barros@bioqmed.ufrj.br

## **Rosane Cristina de Oliveira**

Doutora em Ciências Sociais (Rio de Janeiro/Brasil).  
E-mail: rosaneocrj@hotmail.com

Recebido em: 22 de abril de 2023

Aprovado em: 20 de junho de 2023

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RPR | a. 20 | n. 2 | p. 272-289 | jul./dez. 2023

DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v2.3411>

## RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão sobre as apropriações da narrativa anatomoclínica como metáfora para expressar a dor do luto no ciberespaço. Para compreender de que forma tais aspectos são revelados, tomamos como aporte relatos de dor e de sofrimento relacionados à experiência de enlutamento postadas na página *Perdas e lutos. Educação para a morte, as perdas e o luto*. Objetivamos identificar nos depoimentos, unidades de análise que traduzem a dor psíquica a partir de metáforas apropriadas da experiência biológica. Trata-se de uma Pesquisa Qualitativa, de abordagem exploratória, que analisou manifestações subjetivas dos depoimentos em destaque a partir da análise de conteúdo. Os resultados apontaram que, de um modo geral, a dor do luto é uma experiência narrada por metáforas que descrevem sintomatologias ancoradas no universo biomédico ocidental relativas à dimensão corpórea da doença física, ou seja, as descrições de dor e sofrimento relacionadas ao luto evidenciam a somatização daquilo que se sente na alma.

**Palavras-chave:** Cibercultura. Luto. Dor psíquica. Dor física. Corpo-mente.

## ABSTRACT

This article presents a reflection on the appropriations of the anatomoclinical narrative as metaphors to express the pain of mourning in cyberspace. In order to understand how these aspects are revealed, we used reports of pain and suffering related to the experience of bereavement posted on the Losses and mourning page. Education for death, loss and mourning. We aimed to identify in the testimonies units of analysis that translate psychic pain from appropriate metaphors of the biological experience. This is a qualitative research, with an exploratory approach that analyzed subjective manifestations of the testimonies highlighted from the content analysis. The results showed that, in general, the pain of mourning is an experience narrated by metaphors that describe symptomatology anchored in the western biomedical universe related to the bodily dimension of the physical illness, that is, the descriptions of pain and suffering related to mourning show the somatization of what is felt in the soul.

**Keywords:** Cyberculture. Mourning. Physical pain. Psychic pain. Body-mind.

## INTRODUÇÃO

A interação intersubjetiva na contemporaneidade assumiu contornos tecnológicos, e o protagonismo da tecnologia na vida cotidiana dos indivíduos acena para novos modos de ser e de sentir compartilhado por grupos de indivíduos que se utilizam dos meios digitais como suportes para suas interações sociais e comunicação de suas experiências (CASTELLS, 2001). Nesse contexto, é possível observar transformações não só da subjetividade, mas também dos modos de experimentá-la e exprimi-la, e uma das evidências que corroboram essa transformação é o novo cenário que vem se delineando para compartilhamento do luto.

Um dos usos da tecnologia que vem chamando a atenção dos pesquisadores é o compartilhamento das experiências de enlutamento no ciberespaço (FRIZZO e al., 2017; SADE-BECK; 2017; BOUSSO, et al., 2014). Diante das dificuldades enfrentadas no processo do enlutamento, observamos uma crescente adesão ao luto *online*, processo de socialização da dor em ambientes virtuais, onde relatos de sofrimento são compartilhados de forma democrática, favorecendo a aceitação e a superação.

Um dos recursos mais utilizados é o *blog*, que tem se mostrado ferramenta importante para a conexão de pessoas que experimentam a dor causada pelo luto. Nesses espaços, os indivíduos registram seus sentimentos e entram em contato com as narrativas de dor de outros enlutados, o que parece fornecer maior conforto, ao passo que as dores são reconhecidas e normalizadas pelo grupo. A importância do *blog* parece estar relacionada à possibilidade de expressão do luto que, muitas vezes, no espaço *offline*, é reprimido ou constrangido, sendo tema considerado tabu (ÀRIES, 1974). Nesse sentido, o luto *online* e interativo articula a liberdade de expressão da dor e o compartilhamento dela em um espaço de validação.

Observam-se na representação do luto *online* apropriações da narrativa anatomoclínica como metáfora para expressar a dor do luto no ciberespaço. Para compreender de que forma tais aspectos são revelados, objetivamos identificar nos depoimentos selecionados como *corpus* de análise a partir da página *Perdas e lutos. Educação para a morte, as perdas e o luto* unidades de análise que traduzem a dor psíquica a partir de metáforas apropriadas da experiência biológica.

## PARÂMETROS METODOLÓGICOS

Notadamente, o ambiente virtual consolidou-se como campo de estudo que fornece vasto material disponibilizado na rede mundial de computadores, e as interações sociais neste espaço oferecem, também, rico material de análise. Acompanhando esse processo, a regulamentação das pesquisas envolvendo seres humanos para o campo das Ciências Humanas e Sociais, normatizada pela Resolução CNS 510/2016, ampliou sua abrangência contemplando o ambiente virtual na carta circular CONEP

01/03/2021. O material utilizado para as análises nesta pesquisa enquadra-se na definição que o alocam como “acesso público e irrestrito”, conforme previsto pela normativa, onde se lê “Pesquisas em páginas públicas na Internet que não requerem inscrição ou autorização do administrador para se ter acesso ao conteúdo dispensam avaliação ética e o registro de consentimento.” Desse modo, esta pesquisa utiliza conteúdo público de acesso irrestrito, disponibilizado na Internet e, por esta razão, dispensado de consentimento para sua utilização.

O *corpus* de análise desta pesquisa compõe-se de narrativas extraídas da página *Perdas e lutos. Educação para a morte, as perdas e o luto* são administrados por Nazaré Jacobucci<sup>1</sup>. Para ela, o *blog* é uma plataforma de divulgação de informação, discussão e reflexão sobre a morte e o morrer e sua contribuição para o esclarecimento do tema, de forma clara, objetiva e ética, não apenas para os profissionais da saúde, mas também, e principalmente, para o público leigo. O principal objetivo de sua página é promover um espaço para que o enlutado possa expressar seus sentimentos, seu sofrimento e encorajar o enlutado a continuar seu caminhar e a redescobrir o sentido de sua vida.

A sessão do *blog* a ser analisada é *Histórias*. Nessa sessão, é disponibilizado um espaço para os enlutados registrarem sua experiência com a dor do luto por meio de um convite: “Conte-nos a sua *História*, pois este é um espaço dedicado a quem vivenciou ou está vivenciando um processo de luto e que recebeu e/ou está recebendo cuidados especializados”.

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa é de orientação Qualitativa e buscou compreender o significado do fenômeno em questão (TURATO, 2005). Com o objetivo de alcançar maior familiaridade com o objeto, de modo a tornar explícitas suas particularidades, fizemos uma abordagem exploratória (GIL, 2002). O estudo observou detalhes implícitos nas manifestações subjetivas (GONZÁLEZ REY, 2005) dos depoimentos analisados, pois consideramos que a subjetividade das falas pode revelar modos particulares de sentir para determinado grupo (MINAYO, 2009), nesse caso, os enlutados. Assim, com base nessa perspectiva, foi possível conhecer a experiência das participantes que passaram por perdas através dos seus próprios relatos.

Nos relatos, objetivou-se identificar a utilização de metáforas como recurso narrativo de expressão da dor do luto. A importância da metáfora para esse estudo reside no fato de que são observáveis, com frequência, transposições de descrições de dor da alçada anatomoclínica (FOUCAULT, 1974) como

---

<sup>1</sup> Psicóloga formada pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, mestre em Cuidados Paliativos na Faculdade de Medicina na Universidade de Lisboa, Portugal, Especialista em Psicologia Hospitalar pela Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, Especialista em Teoria, Pesquisa e Intervenção em Luto pelo 4Estações Instituto de Psicologia, é professora e escritora e, atualmente, reside na Inglaterra.

recurso intermediário e descritivo da dor psíquica. De acordo com George Lakoff e Mark Johnson (2000), as metáforas exprimem o pensamento à linguagem humana e são um meio suscinto de comunicar desde as mais simples mensagens às mais complexas. Para os autores, em geral, as metáforas são carregadas de um conteúdo imagético que comporta nossas experiências e, muito dificilmente, conseguiríamos expressar seu sentido sem este recurso. Nesse sentido, Grimm-Cabral (1994; 2000), citado por Carvalho e Souza (2003, p. 32), expressa que “a metáfora pode ser vista como um processo cognitivo por meio do qual o locutor utiliza a denominação de um elemento pertencente a um domínio conceitual para referir-se a outro elemento pertencente a um domínio distinto do primeiro”. Desse modo, na metáfora são utilizados elementos deslocados de seu significado original para evocar novos sentidos.

Para compreender o conteúdo dos depoimentos e sua relação com as metáforas alçadas, foram feitas considerações com base na técnica de Análise de Conteúdo (AC) de Laurence Bardin (2006), porque consideramos tal técnica compatível com o objetivo da investigação. Conforme salientado por Chizzotti (2006, p. 98), “o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”.

A AC propriamente dita é precedida pela pré-análise, fase em que o material a ser analisado é organizado visando a torná-lo operacional, sistematizando as ideias iniciais. Trata-se da organização propriamente dita por meio de quatro etapas: “(a) leitura flutuante, que é o estabelecimento de contato com os documentos da coleta de dados, momento em que se começa a conhecer o texto; (b) escolha dos documentos, que consiste na demarcação do que será analisado; (c) formulação das hipóteses e dos objetivos; (d) referência dos índices e elaboração de indicadores, que envolve a determinação de indicadores por meio de recortes de texto nos documentos de análise” (BARDIN, 2006, p. 103).

Posteriormente à pré análise, segue-se à codificação e à categorização que possibilitam e facilitam as interpretações e as inferências. A codificação, “corresponde a uma transformação – efetuada (sic) segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão” (BARDIN, 2006, p. 103).

Para alcançar os resultados desejados, a AC prescinde a identificação do que é dito sobre determinado tema, o que é feito a partir da descodificação da comunicação (VERGARA, 2005). Essa descodificação pode ser feita por procedimentos, como análise léxica, análise de categorias, análise da enunciação, análise de conotações (CHIZZOTTI, 2006, p. 98). Para tanto, o pesquisador precisa fazer um esforço para desvendar o conteúdo latente, como refere Triviños (1987, p. 162).

Para Minayo (2001, p. 74) a AC é “compreendida muito mais como um conjunto de técnicas”, ou seja, é um importante instrumento para análise de informações sobre o comportamento humano, tendo duas funções: “verificação de hipóteses e/ou questões e descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos”. Nesse sentido, consideramos a técnica apropriada para o objetivo deste trabalho.

O referencial bibliográfico que norteou as análises sobre dor e sofrimento no processo de enlutamento foram os textos de Lévi-Strauss, *Mito e significado* (2007), Cynthia Sarti *A dor, o indivíduo e a cultura* (2001), José Carlos Rodrigues, *Tabu do corpo. Nojo* (2006), David Le Breton *As paixões ordinárias* (2009) e de Miram Rabelo e colaboradores, *Experiência de doença e narrativa* (1999).

O artigo está organizado em duas partes. Na primeira parte, *Luto, dor e cultura: aprendendo modos de sentir*, apresentamos uma discussão sobre luto, do ponto de vista cultural, enfatizando a diversidade em torno da temática. No campo das emoções, as reflexões sobre o luto e a dor, perpassam pelos modos de sentir que envolvem os indivíduos e a dinâmica social da qual faz parte.

Na segunda parte, *Compartilhando experiências de enlutamento no ciberespaço*, refletimos sobre as apropriações das metáforas como elementos de expressão da dor psíquica a partir da linguagem anatomoclínica e analisamos o papel da tecnologia, especialmente, do ciberespaço, como um componente importante de informação, acolhimento e espaço de fala, destinado aos enlutados.

## **LUTO, DOR E CULTURA: APRENDENDO MODOS DE SENTIR**

Temas relacionados à morte, segundo relata Philippe Àries, em *História da Morte no Ocidente* (1974), foram historicamente silenciados ao longo do tempo, transformando-se em algo soturno e contagioso, e o luto seguiu o mesmo fluxo de apagamento na história do Ocidente. A reconfiguração gradativa das técnicas corporais (Maus, 2003) de sentir e expressar o sofrimento desde o século XIX delimitou contornos particulares para transformar-se em experiência individual e privada na contemporaneidade.

Desse modo, considerando todo o constrangimento que foi associado à morte e, conseqüentemente, ao luto, a experiência com a dor foi deslocada para o espaço privado, transformando-se no sofrer solitário. Logo, se na Idade Média o luto exigia uma performance pública como expressão do sentimento real (ÀRIES, 1974), na contemporaneidade o luto exige discrição e, sobretudo, prazo limite de tolerância no espaço social. Enlutados são frequentemente constrangidos a superar seu sofrimento.

A dor é uma experiência subjetiva incomensurável, podendo ser, todavia, expressa e compartilhada no contexto intersubjetivo. Assim, a experiência do sofrimento é baseada em construções simbólicas constituídas na relação do indivíduo com seu mundo social. De acordo com Le Breton (2009), é importante considerar a construção social da pessoa, do corpo e das emoções (dor e sofrimento) e as formas sociais

de manifestação dos sentimentos como “percepção, intenção e ação [que] entrelaçam-se de forma óbvia nas relações com os outros” (p. 44).

Cada cultura ou grupo social e, às vezes, núcleos familiares, possuem uma linguagem de sofrimento única e própria, que é um conjunto complexo de termos próprios por meio dos quais os indivíduos enfermos ou infelizes fazem com que as outras pessoas se tornem cientes de seu sofrimento. Entende-se, assim, que existe uma forma de as pessoas comunicarem a dor, estando as mesmas intimamente ligadas a padrões culturais de valorização ou desvalorização e da exteriorização da resposta à dor e ao sofrimento (ELIAS, 2001). Esta exteriorização da dor é uma maneira de tornar a dor privada em dor pública e é determinada, principalmente, pela intensidade percebida da sensação dolorosa, isto é, a tolerância à dor.

A dor, tendo o elemento da experiência e de seus contextos, prescinde da dimensão social e é construída com base em referências coletivas, sendo afetada, por esse motivo, pela presença do outro. Dessa forma, as técnicas corporais (MAUSS, 2003) de sentir e de expressar a dor são fenômenos socialmente elaborados, ancorados em registros simbólicos construídos pela coletividade. Portanto, constitui uma experiência intersubjetiva e, segundo destaca Cynthia Sarti (2001), “as formas de sentir e de se expressar a dor são regidas por códigos culturais e a própria dor, como fato humano, constitui-se a partir dos significados conferidos pela coletividade” (p. 03).

Sendo assim, a forma como se sente, se representa, se relata e se dá sentido à dor tem a ver com o universo simbólico cultural e interpretativo. Os relatos de como se sente a dor são contextualizados e remetem à realidade do sujeito. As percepções e as interpretações sobre o mundo e a existência ocorrem somente em termos de uma compreensão vivida e, portanto, na experiência de estar no mundo, em que o corpo assume papel fundamental. Assim, é a partir de uma consciência sobre o corpo que se inscrevem e se revelam as várias dimensões da vida com todas suas contradições e seus conflitos.

A experiência corporal da dor e sofrimento do luto são apreendidas por meio da socialização, pois o corpo se molda em relação com o outro, uma vez que a cultura é transmitida pela interação. As diferentes concepções e as práticas relacionadas à dor e ao sofrimento do luto são percebidas, criadas e recriadas com interação dinâmica estabelecida entre os indivíduos, conflitos e negociações, no contexto das redes de relações socioculturais que compartilham (SARTI, 2001).

O outro é a estrutura que organiza a ordem de significados. Nas sociedades e nos grupos podem ser observadas estruturas de organização que fornecem modos de viver e formas de como se sente e se comunica a dor. Essas estruturas são compartilhadas pelo grupo e se tornam referências coletivas da consciência sobre o corpo. Nessa consciência corporal estão registradas as técnicas corporais que

traduzem a experiência corporal de dor. Todo esse processo se desenvolve a partir de regras coletivas inscritas no inconsciente coletivo e registradas nos conteúdos mitológicos.

Lévi-Strauss, em *Mito e significado* (2007), baseado no questionamento de conteúdos mitológicos, observa a existência de regras aparentemente desprovidas de significado, mas presentes em vários lugares diferentes e que, segundo ele, para justificar sua existência, deveriam, necessariamente, existir regras próprias para cada povo. Nesse sentido, para ele, tornou-se seu problema de pesquisa descobrir regras que ordenassem esses conteúdos de forma que os atribuíssem significados contidos em uma linguagem desconhecida por seu sistema, pois, para ele, regras e significados consistiam na mesma coisa.

As pesquisas e observações de Claude Lévi-Strauss (2007) apontam a linguagem como ponto de partida para a passagem do indivíduo do estado natural para o cultural. Segundo ele, é a partir da linguagem que o ser social aprende e ensina tarefas e a interagir sendo responsável pela manutenção dos grupos de estruturas. *Nesse contexto, a linguagem constitui-se no instrumento de reprodução e o corpo como instrumento de vivência e de manifestação da cultura nas sociedades.*

*Em Tabu do corpo. Nojo* (2006), de José Carlos Rodrigues, embora a consciência social moderna reconheça cada vez menos as dimensões culturais do corpo humano, o corpo é sempre uma representação da sociedade e seu sentido é atribuído a um "fato social total" (p. 129) em que cada parte depende da totalidade. De acordo com o autor, é nessa totalidade que se ancora a lacuna da significação da consciência social, ou seja, conteúdos presentes no inconsciente que se manifestam e para os quais aparentemente não existiriam significados.

*Para compreender essa relação, é importante, segundo autor, considerar o corpo no centro do debate como um complexo de símbolos, "um sistema simbólico que porta sua mensagem" (RODRIGUES, p. 130). Nesse contexto, o corpo, tomado a partir de processos fisiológicos, se imbuí de signo sensível e inteligível, o significante e o significado, a partir dos quais processos ideológicos significantes com significados que são fenômenos e processos sociológicos.*

*A partir dessa perspectiva, Rodrigues (2006) aponta a noção de como a organização social expressa as codificações do corpo. Segundo o autor, a emotividade seria o elemento responsável pela rede de significados atribuídos às codificações do corpo e que se reproduzem a nível inconsciente, como é o caso do nojo exemplificado por ele, e que para as análises deste texto, estendemos para a compreensão do luto como uma categoria pertencente ao campo das emoções. O autor destaca a polissemia dos elementos corporais e sua contextualização social como responsável pelos significados das mensagens e seus códigos.*

*Rodrigues (2006, p. 131) ainda aponta que os modelos de significados inconscientes "funcionam como uma gramática generativa estruturadora" que seria capaz, segundo ele, de "suprir as lacunas do vocábulo" e produzir sentido e classificar o "novo" ou o "desconhecido". Evidencia-se que a relação entre corpo e linguagem, como*

*formas de perceber o mundo, é apreendida pelas expressões simbólicas das manifestações culturais tanto no aspecto individual, quanto no coletivo e que são expressões aprendidas, ensinadas e reproduzidas no contexto da cultura. O corpo enquanto objeto de estudo é, então, um corpo cuja identidade é um agenciamento da linguagem que o estuda e sujeito a sistemas de classificação particulares e heterogêneos. Assim, corpo e linguagem compartilham as influências das estruturas da cultura e reproduzem as experiências a partir da corporalidade.*

As relações com o corpo vão além da dimensão biológica. O texto de David Le Breton (2009) traz análises sobre corpo e corporalidade considerando os aspectos sociais e culturais em que a dimensão simbólica do corpo e suas representações pelos atores são centrais para a sua compreensão. É através da corporeidade que as interações e os rituais entre os atores são elaborados. A análise do corpo, enquanto elaboração das construções identitárias do grupo social, indicam a técnica corporal, a gestualidade, a etiqueta corporal, a expressão dos sentimentos e suas percepções sensoriais particulares. Assim sendo, as representações e os imaginários do corpo perpassam a relação que os atores têm com o mundo. Nesse sentido, o sofrimento, a dor, o luto e o modo como se percebem esses eventos também são vistos como uma construção social e cultural, em que as percepções são individuais, mas também coletivas.

Desse modo, a expressão da dor do luto pode ser compreendida a partir do conceito de técnicas corporais tomado de Marcel Mauss (2003) como fenômeno socialmente construído e ancorados em registros simbólicos construídos pela coletividade, constituindo, assim, uma experiência intersubjetiva (SARTI, 2001), ensinada e aprendida. Segundo Sarti (2001, p. 3), "as formas de sentir e de se expressar a dor são regidas por códigos culturais e a própria dor, como fato humano, constitui-se a partir dos significados conferidos pela coletividade". Sendo assim, a forma como se sente, se representa, se relata e se dá sentido à dor tem a ver com o universo simbólico cultural e interpretativo. Os relatos de como se sente a dor são contextualizados e remetem à realidade do sujeito.

No contexto das experiências corporais, a dor pode assumir diferentes significados de acordo com o contexto social e o lugar social do sujeito qualifica a sua dor. A dor pode estar associada a rituais de passagem, como a dor do parto ou de incisões corporais feitas em determinadas tribos sul americanas e africanas, por exemplo; a dor voluntária, como a tatuagem; as autopunições, como o silício; as dores ditas "merecidas" pelo rompimento de alguns códigos ético-morais, e que por isso, em geral, devem ser silenciadas, mais do que qualquer outra, mas também existe a dimensão da dor subjetiva, como a dor e o sofrimento das doenças psíquicas, psicológicas e psiquiátricas (SARTI, 2001, p.10). Nesse contexto, enquadra-se a dor do luto, objeto desta análise.

Em sua etimologia latina, luto significa dor, mágoa e lástima. Entretanto, no contexto cultural, luto é a consequência da experiência de perda que acontece sempre que a vida é afetada pelo término de uma relação significativa. O luto, segundo Matos-Silva (2011), pode ser compreendido como um processo naturalizado, socialmente relacionado à dor da perda e que deve ser vivenciado de forma plena em toda sua dinâmica natural, visando a saúde e o bem-estar do indivíduo.

A dor do luto é um processo de elaboração psicológica e o seu significado é determinado de modo individual, subjetivo e dentro do contexto de quem vivencia a perda, entre os indivíduos, que articulam conflitos e negociações, no contexto das redes de relações socioculturais que compartilham. Além disso, é, também, uma dor pública, pois a tarefa da construção de significado do luto é feita numa relação entre o indivíduo e a cultura, ou seja, pelos costumes. Um indivíduo procura dar sentido à experiência do luto usando modelos que são influenciados pela cultura, pela crença e pelo apoio familiar, pois “o lugar social do sujeito qualifica a sua dor e determina a reação do outro em face da sua dor” (SARTI, 2001, p. 10).

Com o objetivo de compreender de que forma a experiência do luto é expressa em ambiente virtual a partir da linguagem compartilhada pelo grupo, na próxima seção, analisamos os depoimentos de pessoas enlutadas em que são utilizadas as metáforas como recurso para expressão da dor psíquica a partir da transposição dos sentidos da dor física para o universo do sofrimento psíquico. Objetivamos extrair elementos que possam representar a associação de ideias como recurso linguístico para expressar aquilo que não tem nome, a dor da alma.

## **COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS DE ENLUTAMENTO NO CIBERESPAÇO**

O avanço da sociedade da informação e da comunicação reestruturou a ordem tradicional de produção de conhecimento e uso da informação. Nesse contexto, os rituais sociais migraram para o mundo virtual, ressignificando a experiência *offline* para o contexto *online*. Assim, como uma extensão do mundo *offline*, o ciberespaço tornou-se palco para várias experimentações humanas e, dentre elas, a expressão do sentimento de luto.

Desse modo, interessa-nos, inicialmente, considerar o mundo virtual ou ciberespaço como lócus de produção de cultura, ou cibercultura, definida por Lévy (1999, p.17) como o “[...] conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”. Nesse espaço, trocas simbólicas são agenciadas por uma lógica espaço-temporal distinta, repercutindo em novas formas de socialização que surgem como novos estilos de vida e de organização social e estamos, segundo Cardoso (1998, p.116), “[...]na presença de uma nova noção de espaço, em que o físico e o virtual se influenciam um ao outro,

lançando as bases para a emergência de novas formas de socialização, novos estilos de vida e novas formas de organização social”.

Nessa medida, tomadas as novas possibilidades viabilizadas pela expansão do ciberespaço e sua influência na vida cotidiana dos indivíduos, vem se destacando na atualidade a virtualização do enlutamento. Embora a dor da perda seja universal, a cultura ocidental contemporânea evidencia pouco espaço e liberdade para se falar sobre o luto no mundo *offline*. Existe um constrangimento quando o enlutado inicia uma narrativa sobre a sua perda e a dor dilacerante que sufoca sua alma. O contexto social cala aquele que sofre o luto, gerando um sentimento de imensa solidão interna.

Com características tão subjetivas quanto o luto *offline*, a forma *online* de vivenciar o processo do luto vem ganhando adesão e comunidades virtuais específicas são direcionadas para o debate sobre a temática, possibilitando aos membros o compartilhamento de suas dores de forma espontânea sem medo de constrangimento público em função de interditos sociais. Nesse sentido, as redes sociais têm dado visibilidade ao luto, se mostrado um recurso profícuo para a conexão de pessoas e compartilhamento de experiências.

Desse modo, torna-se desafiador compreender de que forma são construídos os sentidos do enlutamento *online*. Para compreender esse processo, este artigo analisou os relatos de dor e sofrimento relacionados ao luto postados na página *Perdas e lutos. Educação para a morte, as perdas e o luto*<sup>2</sup>, com a finalidade de identificar nos depoimentos unidades de análise que reproduzem uma apropriação de metáforas de dor corporal como representação da dor sentida na alma.

A sessão do *blog* a ser analisada é *Histórias*. Nessa sessão, é disponibilizado um espaço para os enlutados deixarem sua experiência com a dor do luto por meio de um convite: “Conte-nos a sua *História*, pois este é um espaço dedicado a quem vivenciou ou está vivenciando um processo de luto e que recebeu e/ou está recebendo cuidados especializados”.

A página *Perdas e lutos. Educação para a morte, as perdas e o luto* é administrada por Nazaré Jacobucci, psicóloga formada pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, mestranda em Cuidados Paliativos na Faculdade de Medicina na Universidade de Lisboa, Portugal, Especialista em Psicologia Hospitalar pela Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, Especialista em Teoria, Pesquisa e Intervenção em Luto pelo 4Estações Instituto de Psicologia, é professora e escritora e, atualmente, reside na Inglaterra.

Segundo Nazaré Jacobucci, seu *blog* é uma plataforma de divulgação de informação, discussão e reflexão sobre *a morte e o morrer* e sua contribuição para o esclarecimento do tema, de forma objetiva e

<sup>2</sup> Para visitar a página acesse: <https://perdaseluto.com/>

ética, não apenas para os profissionais da saúde, mas também, e principalmente, para o público leigo. O principal objetivo de sua página é promover um espaço para que o enlutado possa expressar seus sentimentos, seu sofrimento e encorajar o enlutado a continuar seu caminhar e a redescobrir o sentido de sua vida.

A expansão dessas redes aproxima indivíduos que podem se conhecer ou não pessoalmente, com interesses em comum, compartilhados dentro do espaço virtual. Desta forma, as redes sociais também se tornaram um importante meio para a expressão e o reconhecimento do sofrimento vivenciado durante o luto, inaugurando uma nova forma de vivenciar a dor da morte.

Dos 11 depoimentos espontâneos observados na seção *Histórias* da página *Perdas e lutos. Educação para a morte, as perdas e o luto* sobre a dor e o sofrimento do luto, cinco descreveram em suas narrativas o luto como uma dor corporal, e relatam uma dor física, associando-a a experiências de eventos físicos e doenças de ordem física; dois depoimentos associam a dor da experiência à saudade, sem menção a descrição de uma experiência física, da dor expressa pelo corpo; dois depoimentos são de profissionais da área de saúde; e dois expressam condolências. Para nosso objetivo, consideramos apenas os cinco depoimentos que descreveram em suas narrativas o luto como uma dor corporal.

Na narrativa abaixo, podemos observar que a depoente<sup>3</sup> faz uma associação da experiência da dor do luto ao ato de mergulhar, ou seja, de estar totalmente imersa na emoção em referência ao corpo que submerge na água no mergulho. Podemos depreender por associação ao afogamento que, da mesma forma que um corpo submerso na água por muito tempo não é capaz de respirar e conseqüentemente pode ocasionar a morte, o luto, na perspectiva da narrativa em relevo parece evidenciar uma experiência limite reforçada pela *falta de força* para emergir das profundezas da dor

*O luto vem fazendo parte da minha vida desde muito cedo, perdi algumas coisas importantes, perdi pessoas e me perdi. O "mergulho intenso" na dor, a falta de força para seguir foi avassaladora, mas quero dizer; quem tem amigos e família, tudo pode.*

Na narrativa que segue, uma ação física "coração apertar" é associada à experiência do luto, uma metáfora que pode traduzir uma pressão de fora para dentro tão forte a ponto de explodir os limites do físico, como observado em explosões de bombas, por exemplo. Assim, podemos considerar que o relato transmite a ideia de um coração apertado com tanta força que rompe, pela tensão dos tecidos, ocasionando a destruição de sua forma

<sup>3</sup> <https://perdaseluto.com/contesuahistoria/>

*Minha mãe faleceu em fevereiro e ainda estou no processo de luto, pois sinto que meu **coração apertar** muito em determinados dias [...] cada vez que chego próximo das casas meu **coração aperta** tanto que não consigo controlar as lágrimas e a saudade, não tendo forças às vezes para ir até lá e resolver o que preciso.*

No próximo relato, a depoente compara o susto do reconhecimento da experiência da dor do luto, a associação do susto ao “choque inicial” parece traduzir uma experiência física real de choque elétrico, quando o corpo parece perder o domínio dos sentidos por alguns instantes. Nessa medida, podemos interpretar a associação feita no relato como uma suspensão momentânea dos sentidos em busca de referência ao mundo real, como um questionamento sobre a veracidade da experiência

*[...] então é onde a lembrança fica embargada, o **choque** inicial, o riso nervoso e a frase: Não, não é isso [...]. Ainda dói, e qualquer morte me dói.*

A próxima narrativa dá ênfase à incapacidade de compreensão da experiência do luto e da não-aceitação da morte traduzidas na percepção do evento como uma sensação de sufocamento expressa pelo léxico *sufoca*, em referência à falta de ar, dificuldade para respirar, o ar não entra por ocasião de algum impedimento, que podemos interpretar como o excesso de sofrimento

*Não tem explicação, não dá pra aceitar é uma dor que não tem fim que **sufoca** todas as noites e todos os dias, vontade de morrer, nada mais tem graça tem sentido.*

O relato seguinte é repleto de metáforas que comparam a experiência emocional às técnicas corporais. O sofrimento emocional é interpretando ou sentido na região onde se localiza o coração. A depoente registra “aperto no peito quando o coração se rasga” de dor, como se ela se “machucasse”. O “gosto amargo” também é relatado como um aspecto relacionado à dor do luto, o que pode estar relacionado à dificuldade que os enlutados têm de se alimentarem, ocasionando acidez no estômago e consequente gosto amargo na boca, fato que já era considerado pela medicina hipocrática como algo relevante para a medicina dos sintomas. A sensação de que “explodiu uma granada” é acionada como uma descrição de falta de sentido no contexto geral se associada à expressão “juntar” e “colar os caquinhos”, o quadro geral de sofrimento parece indicar um estado de desorganização do universo simbólico daquele que sofre mediante à perda de alguém querido.

*Já se passaram 19 dias, mas parece que foi nesse exato momento. A angústia, o **aperto no peito a dor sufocante** não passam. As pessoas se aproximam perguntam se está tudo bem, meu **coração se rasga**, sinto vontade de correr e fugir de todos, os sorrisos em minha sala me congelam. Fico paralisada, diante da felicidade alheia, como se isso me **machucasse** ainda*

*mais, na minha cabeça acredito que as pessoas deveriam sentir o que sinto. Nossa linda história junto acabou, a morte terrível e tenebrosa nos separou para sempre, ficou o **gosto amargo** da impotência, tento ser forte e sorrir para nossos filhos, mas não consigo. Hoje parece que **explodiu uma granada** dentro de mim, e agora estou tentando **juntar e colar os caquinhos**.*

Conforme visto, a forma como se sente, se representa, se relata e se dá sentido ao luto são técnicas relacionadas ao universo simbólico cultural e interpretativo do sujeito, às suas formas de sentir e vivenciar a dor. Nessa perspectiva, o sofrimento é apreendido por meio da socialização e contextualizado na realidade, pois o corpo se molda em relação com o outro porque a cultura é transmitida pela interação.

Podemos perceber que a linguagem utilizada nas narrativas transcritas acima utiliza metáforas transpostas *da sintomatologia biomédica ocidental, ancorada na dimensão biológica* e evidenciam a somatização da dor psíquica. A prevalência do biológico em detrimento do emocional, reforçada no contexto da experiência do luto, remete à lógica cartesiana que opõe corpo e mente, revelando o lado sombrio da tradição eurocentrada e colonial (MIGNOLO, 2011; QUIJANO; 2000) nessa trajetória e que outorga às ciências naturais o domínio da experiência subjetiva. *Podemos dizer, nesses termos, que no processo moderno de deslocamento entre cabeça e corpo, o corpo biológico se transformou no referencial, evidenciando a colonização pela narrativa anatomoclínica (FOUCAULT, 1974) expressa nas metáforas de dor e sofrimento.*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste breve artigo apresentamos uma discussão sobre a dor do luto e seus entrelaçamentos com os processos culturais sob os quais o enlutado está inserido. Na primeira parte, discutimos a dor como produto da experiência e do sujeito no âmbito social. Observamos que a dor é um aprendizado compartilhado na sociedade e construída com base em referências coletivas, sendo afetada pela presença do outro. Mais especificamente, salientamos que as traduções da dor do luto são aprendizados culturais, perpetuados pelo processo de socialização no contexto cultural. Para a cultura ocidental, a apreensão dos sentidos da dor é registrada no contexto familiar mais próximo, nos processos de socialização e nas estruturas culturais como os registros literários.

A dor da perda como experiência universal e a cultura ocidental contemporânea evidencia pouco espaço e liberdade para se falar sobre o luto no mundo *offline*. Enfatizamos o constrangimento sobre a narrativa do enlutado e a dor dilacerante que sufoca sua alma. O contexto social cala aquele que sofre o luto, gerando um sentimento de imensa solidão interna. Com vistas a abrir espaço para que enlutados

possam manifestar sua dor sem constrangimento, uma nova forma de luto surge com a tecnologia e se manifesta *online* com características tão diversas e subjetivas quanto ocorre no mundo *offline*.

Na segunda parte deste trabalho, demonstramos como a tecnologia tornou-se um recurso importante para conectar pessoas e permitir que o enlutado se sinta menos solitário e, assim, tenha seu luto reconhecido e normalizado. As redes sociais, neste sentido, se tornaram um importante meio para a expressão e o reconhecimento do sofrimento vivenciado durante o luto, inaugurando uma nova forma de vivenciar a dor da morte e vem se configurado como um espaço no qual o enlutado pode dar voz a seu sofrimento. Na busca de reunir forças para superar o sofrimento da sua perda, o enlutado utiliza-se da internet e encontra o reconhecimento do seu luto nas interações *online*.

Para compreender de que forma os enlutados expressam o sofrimento e a experiência da perda nas interações *online*, esta pesquisa analisou cinco depoimentos que descreveram a experiência do luto como uma dor corporal. Os depoimentos evidenciaram que a sociedade aprendeu a descrever a dor do luto se apropriando do léxico da anatomoclínica, em comparação àquilo que é sólido e observável à medicina dos órgãos.

Nessa perspectiva, pode-se perceber que as dores da alma seguem o mesmo critério descritivo e permanecem sendo traduzidas e narradas em comparação ao mundo biológico, como pôde ser observado na análise dos depoimentos. As análises acima permitem observar que a prevalência da colonização cartesiana e a objetividade da fragmentação do sujeito o reduziram a um corpo, e que a linguagem limita o corpo àquilo que é visível aos olhos. Logo, nessa disjunção, a dor do luto permanece invisível.

Dada a relevância da temática, consideramos a importância do aprofundamento nos estudos sobre o luto *online* tomado como nova forma de expressão do enlutamento, ressaltando a importância das redes sociais como geradoras de novas formas de socialização e interação entre indivíduos e os grupos. Observamos que novos estudos mais detalhados podem contribuir com a compreensão da apropriação do ciberespaço como lócus de expressão da dor e sua relação com o processo de enlutamento e, ainda, favorecer a elaboração de estratégias de intervenção de profissionais na área da saúde.

## REFERÊNCIAS

ÀRIES, P. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro.

BARDIN, L. (1977). **Análise de Conteúdo**. (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trad.). São Paulo: Edições 70, 1974.

BOUSSO, R.S. et al. **Facebook**: um novo lócus para a manifestação de uma perda significativa. *Psicologia USP*, 25(2), 172-179, 2014. Recuperado em: 12 de abril de 2023, de: <https://dx.doi.org/10.1590/0103-656420130022>.

BRASIL. Comitê de Ética em Pesquisa. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP/Fiocruz). **Orientações sobre ética em pesquisa em ambientes virtuais**. Versão2.0/ Comitê de Ética em Pesquisa. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP/Fiocruz). Rio de Janeiro: ENSP/Fiocruz, 2020. 12 p. Recuperado em: 12 de abril de 2023, de: [https://cep.ensp.fiocruz.br/sites/default/files/orientacoes\\_eticapesquisaambientevirtual.pdf](https://cep.ensp.fiocruz.br/sites/default/files/orientacoes_eticapesquisaambientevirtual.pdf)

CARVALHO, M. B.; SOUZA, A. C. As metáforas e sua relevância no processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira. **Fragmentos**, n. 24, p. 24-44, 2003.

CASTELLS, M. **A galáxia internet** – reflexões sobre internet, negócios e sociedade. Tradução de Rita Espanha. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2006.

DOUGLAS, M. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FRANCO, M. H. P. Trabalho com pessoas enlutadas. In: CARVALHO e al. (Org.) **Temas em psic-oncologia**. São Paulo: Summus, 2008.

FRIZZO, H. C. F. et al. A expressão de pesar e luto na internet: um estudo de caso mediante o processo de adoecimento e morte de um cônjuge. **Revista Kairós Gerontologia**, 20(4) 207-231, 2017. ISSN: 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP. Recuperado em: 12 de abril de 2023, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/36628>

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2001.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em psicologia**: caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado das Letras, p. 53-57, 2002.

LE BRETON, D. **As paixões ordinárias**: Antropologia das emoções. Introdução; Cap. 2 (p. 39-58). Petrópolis: Vozes, 2009.

LEVI-STRAUSS, C. **Mito e significado**. Lisboa: Edições 70, 2007.

MATOS-SILVA, M. S. de. **Teclando com os mortos**: um estudo sobre o uso do orkut por pessoas em luto. Recuperado em: 14 de setembro de 2022, de: [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34467/34467\\_1.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34467/34467_1.PDF)

MAUSS, M. As técnicas do corpo. In: \_\_\_\_\_. **Sociologia e antropologia**. vol. 1. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MINAYO, M. C. De S. *O desafio da pesquisa social*. In: Minayo, M. C. De S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2009.

MIGNOLO, W. D. **The Darker Side of Western Modernity**: Global Futures, Decolonial Options. Durham: Duke University Press, 2011.

NEIMEYER, R. **Meaning reconstruction and the experience of loss**. American Psychological Association: Washington, DC, 2001.

NEGRINI, M. A morte no ciberespaço: um estudo etnográfico da comunidade do Orkut "Profiles de Gente Morta". **Discursos Fotográficos**, Londrina, v.6, n.8, p. 13-33, 2010. Recuperado em: 12 de abril de 2023, de <https://doi.org/10.5433/1984-7939.2010v6n8p13>

QUIJANO, A. Coloniality of Power and Eurocentrism in Latin America. **International Sociology**, v. 15, n. 2, p. 215-232, 2000. Recuperado em: 12 de abril de 2023, de <https://doi.org/10.1177/0268580900015002005>.

RABELO, M. et al. **Experiência de doença e narrativa**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

RODRIGUES, J. C. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006a.

RODRIGUES, J. C. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006b.

SADÉ-BECK, L. Mourning and Memorial culture on the Internet: The Israeli case. **American Communication Journal** [online], 2004. Recuperado em: 12 de abril de 2023, de: <http://www.ezy.co.il/SiteFiles/SadeBeck.pdf>

SARTI, C. A dor, o indivíduo e a cultura. **Saúde sociedade**, v. 10 (1), Jul, 2001. Recuperado em: 20 de agosto de 2022, de: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/yB9JZkG6kXCdc5pTz4SWDFc/abstract/?lang=pt>.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Rev. Saúde Pública**, 39 (3), 507-514, 2005. Recuperado em 20 de agosto de 2022, de: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/qtCBFFFzTRQVsCjtWhc7qnd/?format=pdf&lang=pt>

VERGARA, S. C. **Método de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.